

Multitask

Leandro Muniz

Multitask

Leandro Muniz
número USP 8948843

Relatório final apresentado no Departamento de
Artes Plásticas da Escola de Comunicação e Artes
da Universidade de São Paulo, como parte das
exigências para a conclusão da graduação em Artes
Plásticas.

BANCA EXAMINADORA

Dora Longo Bahia (Orientadora)
Professora Doutora
Escola de Comunicações e Artes - USP

Carla Zaccagnini

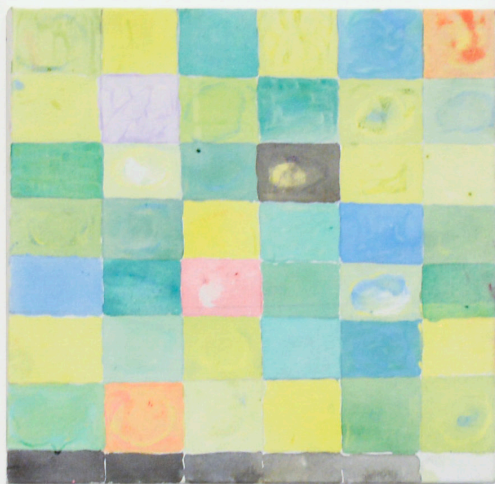
Tiago Mesquita

Este trabalho de conclusão de curso busca discutir como minha prática artística envolve a atuação em outros campos do sistema da arte, como educação, crítica, curadoria etc, de quais contextos essa atuação multitask surge e como essas atividades se reinformam. Para tanto, foram escolhidos três registros de informação, ensaio, listas e registros de obras, como forma de replicar essa dinâmica de múltiplas atuações.



Batom

embalagem de tecido, esmalte, óleo,
acrílica, giz, batom, ecoline, guache
35x35 cm, 2018



Excel #3

guache lavado sobre tela

30x30 cm, 2013



Couple

Xícaras

10x10x6 cm, 2013

Agradeço aos meus amigos, aos meninos que amei, aos meus pais Elis, Marcelo, Ivan e Soraia, aos meus colegas do grupo de estudos Depois do fim da arte, aos meus professores, aos artistas, curadores, produtores e instituições com quem trabalho, e especialmente a Dora Longo Bahia, Sônia Salzstein e Renato Pera pela interlocução sincera ao longo do tempo.

[No contexto neoliberal o] indivíduo é aprisionado no seu desejo. A sua felicidade depende quase inteiramente da capacidade de reconstruir publicamente a sua vida íntima e de oferecê-la num mercado como um produto de troca. [...] este homem-coisa, homem-máquina, homem-código e homem-fluxo, procura regular a sua conduta em função de normas do mercado, sem hesitar em se auto-instrumentalizar e instrumentalizar outros para otimizar a sua parte de felicidade. Condenado à aprendizagem para toda a vida, à flexibilidade, ao reino do curto prazo, abraça a sua condição de sujeito solúvel e descartável para responder à injunção que lhe é constantemente feita: tornar-se outro.

No campo fantasmal, só poderia haver um sujeito esquizofrênico. O esquizofrênico [...] passa de um código ao outro, bloqueia todos os códigos. [...] Nestas condições, onde, segundo uma expressão nietzschiana, «tudo se divide, mas em si mesmo, e onde o mesmo ser, exceptuando a diferença de intensidade, está em toda a parte, em todos os cantos, a todos os níveis», a única maneira de se manter vivo é viver em ziguezagues.

Achille Mbembe, em *Crítica da Razão Negra*



Casca (camiseta)

Papietagem, guache e acrílica

60x50x15 cm, 2019

Duplicar Catalogar Aproximar Embaralhar Colar Pintar Recobrir

Organizar Ler Escorrer Comprar Usar Olhar Arranjar Montar Cortar

Interpretar Relacionar Parodiar Atomizar Perguntar Pesquisar

Ouvir Ver Variar Destruir Amassar Misturar Escrever Reunir

Assar Derreter Encher Amarrar Contemplar Acelerar Automatizar

Mecanizar Movimentar Desacelerar Desautomatizar Entrevistar

Assistir Espalhar Distribuir Reproduzir Mapear Disfarçar

Camuflar Imitar Copiar Agrupar Categorizar Bagunçar Listar

Conectar Amolecer Enrijecer Apoiar Desenhar Amassar Rasgar

Associar Distorcer Embrulhar Desembrulhar Inverter Reiterar

Retirar Apropriar Cotejar Selecionar Suprimir Revisar Editar

Maquiar Apoiar Pendurar Simplificar Reduzir Aumentar Analisar

Pendurar Suspender Colar Unir Picar Cozinhar Vestir Olhar Variar

Pendurar Comer Beber Revestir Misturar Desierarquizar Repetir



Pipoca & pipoquinha

Embalagem e esmalte sintético

29,5x27 cm, 2017



Tomatinhos

Embalagem, acrílica e esmalte sintético

25x39,5 cm, 2016

Ao longo da história, diversos artistas desempenharam múltiplas funções dentro do próprio sistema da arte, paralelamente ou em continuidade com suas produções: crítica, aconselhamento para aquisição de obras, organização de exposições, formação de outros artistas e do público em geral, etc. A crescente especialização do meio de arte, no entanto, foi definindo lugares mais claros do papel do artista em um sistema complexo e profissionalizado: o artista produz, o curador organiza exposições, o crítico escreve, o educador faz a mediação entre a obra e o público, assim por diante. No contexto atual, assumir múltiplas posições dentro desse sistema pode ser resultado de contingências sociais e econômicas, mas também uma escolha, um posicionamento contra a departamentalização ou super especialização em cada um desses campos.¹

Muitos artistas, na verdade, acumulam funções, na medida em que o mercado, as instituições e outras formas de viabilização da produção artística não abarcam a todos. Em que medida essas diversas práticas reinformam o trabalho? Ou em que medida o trabalho transforma as outras esferas de atuação dos artistas que trabalham em diversos campos do sistema da arte? E quais seriam os limites e as potencialidades de compreender ou tentar lidar com todas essas esferas de atuação como parte da produção?

1 Em 2005, foi publicado pelo Museu de Arte da Pampulha o livro *Políticas Institucionais, Práticas Curatoriais*, organizado por Rodrigo Moura, no qual o artista Ricardo Basbaum apresenta o texto “Amo os artistas-etc”. Ainda na introdução do texto, Basbaum diz: “Quando um artista é artista em tempo integral, nós o chamaremos de ‘artista-artista’; quando o artista questiona a natureza e a função de seu papel como artista, escreveremos ‘artista-etc’ (de modo que poderemos imaginar diversas categorias: artista-curador, artista-escritor, artista-ativista, artista-produtor, artista-agenciador, artista-teórico, artista-terapeuta, artista-professor, artista-químico, etc)”. A binarismo estabelecido pelo autor, no entanto, encontra limites e insuficiências para pensar o quadro de questões que proponho levantar aqui, na medida em que uma das questões centrais é justamente que a maior parte dos artistas, ao longo do tempo, desempenharam e atuam em diversas frentes da discussão sobre arte.



Hambúrgueres

Papel machê de desenhos do artista

8 cm de diâmetro (cada), 2016



Cookies

Papel machê de releases de exposições

7 cm de diâmetro (cada), 2019



Linguiças

Papel machê de jornal

Dimensões variáveis, 2019

A maior parte dos artistas em atividade pelo menos desde os anos 1960 trabalha com diferentes linguagens, ainda que predomine uma ou outra. Quase qualquer artista hoje tem uma variedade de práticas, seja com a linguagem, com seus temas, ou com suas diversas atividades dentro do sistema - dirigindo instituições, sendo educador, professor, curador ou crítico. Essa diversidade de práticas também vem problematizar as supostas hierarquias entre artistas, curadores e instituições, assim como o próprio fazer artístico e as mistificações em torno dos processos ou da fetichização em torno da figura do artista.

Podemos considerar como um desdobramento compreensível que passem (ou voltem) a incorporar a dimensão do texto, a organização de exposições ou atividades de educação como parte de sua prática. Não seria a categoria artista flexível suficiente para abarcar mais atividades além da produção de obras? Inclusive, sendo o artista aquele que tem maior contato constante e contínuo com a produção, não seria uma forma de potencializar sua atuação também lidar com a discussão sobre arte e todas as outras esferas de mediação que compõem a apresentação e discussão públicas sobre arte?

Considerando que essas diversas atividades irão transportar materiais de uma prática para outra, vale pensar sobre as formas de discussão sobre o trabalho que o próprio artista assume, como se fala do trabalho, como se escreve e como se coloca publicamente. Como fazer com que texto, obras, exposições e aulas façam parte de uma pesquisa contínua, não hierarquizar essas atividades, ao mesmo tempo que se mantém as singularidades e especificidades de cada prática?

Procedimentos curatoriais, como seleção, escolha, reflexão sobre processo ou pesquisa, são utilizados em obras de diversos artistas; assim como relações estabelecidas pela curadoria podem se tornar instrumentais para o trabalho de arte, ou acabam por

Kerry James Marshall Devendra Banhart Martin Creed Cat Power Mar
Golden Rose Wylie Jasper Johns Sigmar Polke Andy Warhol Claes Olden
Martin Carmela Gross Julie Mehretu Jean Michel Basquiat Cy Twomb
Tomma Abts David Shrigley Federico Herrero Rivane Neuenschwander
Franz West Glenn Ligon Mika Rottenberg Dieter Roth Fischli & Weiss
Débora Bolsoni Jonas Wood Nina Simone Caetano Veloso Os Mutantes
Almodovar Little Dragon Eartha Kitt Richard Tuttle Yeah Yeah Yeahs Car
Marina Lima Gal Costa Milton Avery Zhanna Kadyrova Caroline Mcca
Mbembe Jason Stopa Blood Orange Lizzo Kali Uchis Serge Gainsbourg
Do Rolê Tom Waits Hélio Oiticica Alcione Milton Nascimento Rita Lee T
Amalia Pica Marcel Duchamp Support Surface Daniel Buren Fernanda G
Hitchcock Etta James Júpiter Maçã Mariah Carey Manilla Luzon Rupa
Graw Beth Carvalho Dona Ivone Lara Luiz Gonzaga Clementina de Jesu
Mockasin Racionais Mc's Stan Douglas Charles Bradley Jorge Ben Franz

y Heilmann Walter Swennen Robert Ryman Richard Aldrich Daan Van
burg Ellsworth Kelly Jac Leirner Laura Owens Nico Mira Schendel Agnes
ly Leonilson Velvet Underground Ana Prata David Hockney Lorenzato
r Erika Verzutti Do Ho Sun Mike Kelley John Baldessari Leda Catunda
B Wurtz Vânia Mignone Tom Friedman João Loureiro Ana Dias Batista
s Madonna Rolling Stones The Beatles The Kinks The Strokes The Knife
nsei De Ser Sexy Clarice Lispector Osman Lins Félix González Hal Foster
arthy Fernando Bryce Paulo Monteiro Waltércio Caldas Tunga Achille
Henri Salvador Madeleine Peyroux Sol Calero Courtney Barnett Bonde
Talking Heads Sônia Salzstein Jorge Macchi Sofi Tukker Caragh Thuring
omes Deize Tigrona Jungle Ivens Machado Caio Fernando Abreu Torres
ul Elis Regina Milton Nascimento Gal Costa Maria Bethânia Isabelle
s Giacometti Cigarettes After Sex Doris Salcedo Simon Evans [™] Connan
West Paul Klee Sharon Jones Charles Bradley James Baldwin Bill Traylor

criar ambientes que reduzem a particularidade de cada obra ao significado do conjunto. Aulas, projetos educativos e atividades de formação ora são entendidas como obras diretamente, ora um momento realmente experimental, para além de demandas institucionais ou de mercado. Na análise da produção de artistas que assumem diversas funções no meio de arte, inclusive, seria interessante considerar como textos, curadorias, aulas e projetos informam as obras e vice-versa.

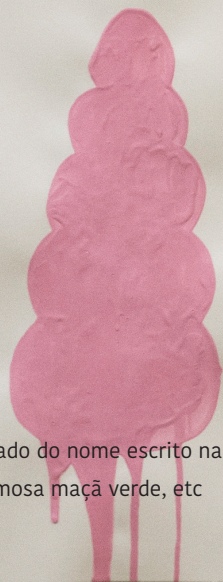
As escolhas sobre como agir em relação às dinâmicas do mundo da arte e suas convenções são parte da produção e da pesquisa do artista. A hiper especialização de funções implica uma maior profissionalização do meio de arte, possibilitando um exercício e uma pesquisa mais profunda de cada uma das esferas de mediação de uma obra de arte (o discurso em torno da obra, a disposição da obra no espaço, sua discussão na esfera pública, comercialização, etc). Ao mesmo tempo, nesse contexto, o artista se torna um fornecedor de uma matéria prima que será apropriada por discursos externos, sobre os quais ele não tem controle, não age e não transforma. Seria possível na própria prática modificar essas estruturas ou ao menos colocá-la em questão?²

2 No seminário “Longitudes: A formação do artista contemporâneo no Brasil”, organizado pela pesquisadora Mariana Fernandes em 2014 na Casa do Povo, o artista Pedro França apresentou suas reflexões em uma mesa chamada “O artista como produtor de si”, compreendendo que “o artista é o cara que produz a si mesmo como artista, seja na formação, seja na maneira como sulca, modela, forma as condições de produção e o espaço de circulação e apresentação de seu próprio trabalho [...] Por outro lado, essa expressão também faz pensar na ideia do artista como um gestor de si mesmo. Produtor no sentido de produtor cultural, produtor de exposições, gestor dele próprio, da sua própria carreira, CEO do ateliê. Essas duas acepções se aproximam e, certamente, eu acho que a maioria de nós aqui tem um pouco das duas. Mas elas são diferentes. Ou seja, o artista como produtor, entendido como alguém que produz a si próprio como artista, que inventa, modela, transforma as condições de produção e circulação do seu próprio trabalho, e o artista como gerente da sua carreira.” O tom produtivista dessa colocação nos faz pensar no quanto a profissão artista é aderente aos discursos e dinâmicas de uma economia neoliberal. Nessa mesa, no entanto, França aponta como “os artistas mais brilhantes dos anos 1960 foram os que perceberam que obra de arte precisa de mediação, e que ela ocorre,

Vale ainda perguntar sobre as condições objetivas de possibilidades de ser artista (ou curador) dentro desse sistema. Tanto comercial, quanto institucionalmente, os limites de representatividade de classe, gênero e etnia são óbvios. O fazer artístico exige tempo livre para o próprio fazer, a construção do trabalho, mas também a reflexão e as demandas sociais que envolvem a circulação e apresentação de obras. Isso gera um recorte de classes, por consequência, de etnias, que podem participar desse sistema ou conseguem participar dele a longo prazo.

Nos últimos tempos houveram políticas públicas que fomentaram a formação de artistas e as iniciativas públicas de editais e instituições também ajudaram na formação de uma cena na qual discussões raciais, de gênero, classe e sexualidade foram levantadas. Ainda que essas marcas de classe, raça, gênero, etc tenham se tornado a única chave para ler as obras desses artistas, como uma reificação. Na esteira dessa discussão, podemos perceber a assimilação de novos nomes de artistas negros e queer no mercado e nas instituições. Quais as consequências reais desse processo? Seria este apenas mais um fenômeno de mercado ou estão sendo estabelecidas políticas de formação e inserção que permitam que a cena artística passe a refletir mais consistentemente a diversidade da vida social? Em que medida a presença desses artistas apenas em

queira o artista ou não. A obra está em algum lugar, alguém fala sobre ela, alguém a contextualiza numa exposição, colocando outras obras ao seu lado, alguém determina seu preço e como ou para quem ela será vendida. Tendo percebido isso, alguns artistas buscaram travar uma batalha pela jurisdição das instâncias periféricas ou de mediação pela obra de arte. [...] Então, o que parece ter sido uma linda contribuição dessas várias galeras dos anos 60-70, pelo menos para mim, foi essa real inflação do campo da arte, ou do campo de ação do artista. Inflação crítica e propositiva, com os artistas assumindo responsabilidade sobre regiões do circuito das quais estiveram usualmente alienados, ocupando-se de todos os aspectos que dizem respeito à inscrição dos seus gestos no mundo, e entendendo que tudo isso é parte do trabalho. Alarga-se a noção do que é o corpo do trabalho. Comentavam publicamente seus trabalhos e de seus colegas, assumindo o lugar da crítica.” A ambição de ocupar todas as esferas que envolvem a produção e as mediações físicas e simbólicas da obra, no entanto, guardam algum sentido de autoconsciência em relação a essas convenções.

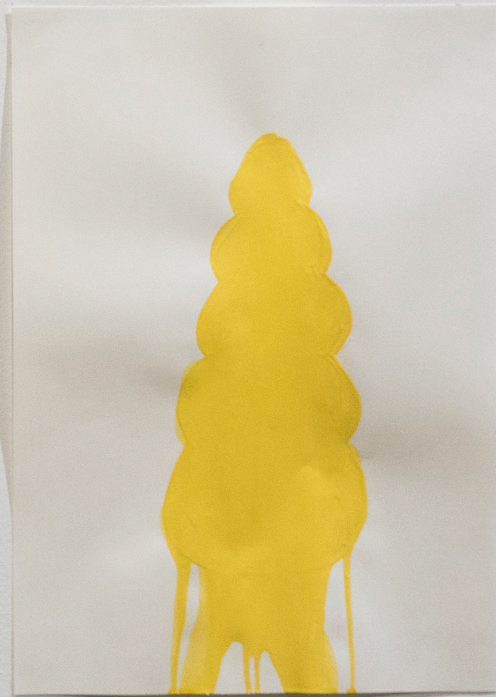


As cremosas

Papel e tinta acrílica

56x42 cm (cada, 2017)

Toda a carga de tinta é usada na pintura e cada trabalho é acompanhado do nome escrito na embalagem: Cremosa chocolate, Cremosa Pistache, Cremosa rosê, Cremosa maçã verde, etc



Casa Arte Solidão Sexo Amor Cor Cotidiano Casca Molde Dentro Fora
Sensação Sentimento Procedimentos Objeto Experiência Indústria
Relação Desejo Comida Silêncio Comum Pop Música Sobriedade Caim
Teatro Codificação Feira Mercado Açougue Mesa Varal Lençol Roupa Cabide
Opressão Liberdade Organização Bagunça Falsidade Falseamento Dilema
Indiferença Apartamento Pele Rigor Informe Texto Festa Encontro Encontro
Digital Instagram Facebook E-mail Pesquisa Incompletude Inacabado
Calor Máscaras Fantoques Fantasma Fasmídeos Analogias Homologia
Privado Doméstico Roupa Papel Códigos Experiências Linguagem Desconhecido
Loja Supermercado Feira Frutas Dentro Fora Sinapse Conexão Ordem
Insônia Fome Gula Conforto Tranquilidade Memória Anonimato Click
Vinho Cerveja Planilhas Indústria Entretenimento Melancolia Alegria
Pintura Objeto Livro Mesa Frutas Tédio Repetição Luz Sol Noite Dia
Precariedade Concentração Restos Migalhas Oco Vazio Desgaste Trabalho
Anônimo Rigor Mole Duro Trama Sociabilidade Pau Linguagem Buraco

ora Eu Você Listas Arquivos Métodos Banalidades Estruturas Formas
Padrão Padronização Mecanicidade Automatismo Dúvida Isolamento
ento Memória Cama Sofá Cozinha Banheiro Periferia Centro Conversa
elo Migalhas Restos Plantas Assepsia Desejo Público Debate Discussão
sfarce Conflito Ambiguidade Circo Alegoria Medusa Violência Afeto
nbiaguez Café Coluna Morte Economia Simplicidade Medo Mediação
Precariedade Textura Público Tempo Nuvens Fumaça Aranhas Ossos
as Aula Espaço Clichês Mudanças Traumas Séries Trânsito Passagens
senho Forma Luz Silêncio Casca Pelo Pinto Peito Indústria Consumo
m Organização Procedimento Operação Simplicidade Trabalho Sono
ê Pássaros Vermes Ovos Frutas Animais Plantas Fluxo Tecidos Café
Ironia Máscaras Frustração Feira Supermercado Loja Design Desenho
Atomização Desagregação Unidade Psicanálise Arte Fluxo Economia
Trauma Sonho Calor Cortinas Lençóis Fronha Monstros Rua Cheiro
os Luz Vento Sombras Tramas Simulações Cool Humor Crítica Análise



Summer Hits (da série Varal)

Tecido, cabo de aço e tinta acrílica
Dimensões variáveis, 2018-19









Piquenique (da série Varal)

Tecido, cabo de aço e tinta acrílica

200x150 cm, 2018



exposições que discutem as questões de seu grupo étnico, social, sexual ou de gênero não geram uma dupla reificação: uma redução do artista e de sua obra a apenas um aspecto de sua identidade? Ler a obra desses artistas apenas por essas questões não seria uma forma de perder a complexidade da própria linguagem, suas conexões históricas e mediações?

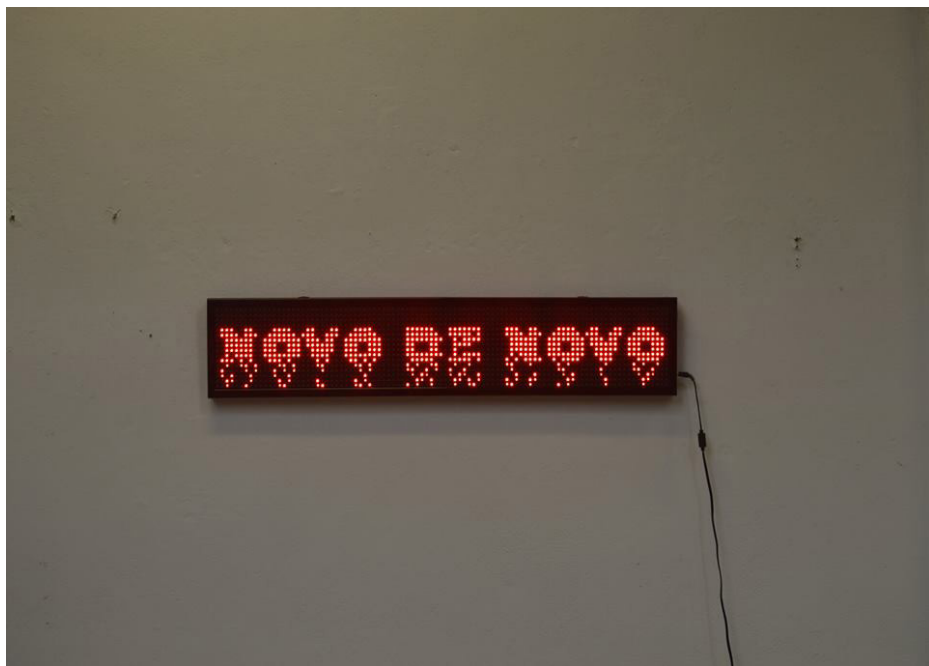
Vale ainda perguntar como as instituições incentivam a formação e inserção no competitivo sistema de arte para que esses artistas (ou curadores) possam exercer seu trabalho com plena potência – discutindo questões raciais, de gênero, sexualidade ou não. Para além das apropriações categóricas de grupos minoritários, poucas iniciativas promovem uma atuação a longo prazo e para além das categorias nas quais esses artistas são encaixados. Como participar do sistema da arte, e das exigências produtivistas desse meio, e ao mesmo tempo ampliar suas possibilidades, resistir às suas demandas e transformar suas convenções?

Talvez uma das perguntas mais constantes ao assumir diversas atividades dentro do hierárquico e codificado sistema da arte seja justamente o que é fazer arte dentro dessa estrutura social e econômica. Para além do fato de ser artista, com a participação em uma certa estrutura social com suas mistificações e contradições, o que é fazer arte nesse contexto e considerando a amplitude de práticas, procedimentos, materiais e assuntos que podem ser considerados arte hoje? Inclusive, vale problematizar o “estatuto da forma” nesse contexto.

Ocupar vários espaços também é questionar seu lugar no mundo, assumindo diversas posições, perspectivas e práticas. Ao mesmo tempo, a eliminação de classificações, categorias e a desespecialização de qualquer prática também é um dos modos de vida no mundo neoliberal. É possível manter todas essas atividades sem que uma se torne mais relevante que a outra ou sem que a passagem entre essas diversas

práticas ainda mantenha a singularidade de cada uma?

Essa forma de vida esquizofrênica também replica uma estrutura posta no mundo, a diversidade de ofertas de modos de vida, produtos, e sua contraparte, a fragmentação do sujeito devido à instabilidade econômica, precarização do trabalho e outras condições decorrentes da economia neoliberal. De algum modo, fixar uma dessas posições - artista, curador, crítico, educador - seria uma medida menos problemática e mais conciliadora frente às expectativas profissionais no meio de arte. Propor uma atuação mais inquieta, no entanto, pode ser mais provocador.



NOVO DE NOVO

Letreiro de led

100x20x5cm

2015

A mesma frase é repetida variando as fontes e os efeitos

NOVO DE NOVO

Referências bibliográficas

- ANJOS, Moacir dos. Arte BRA: Crítica. Rio de Janeiro: Funarte, 2010.
- AYERBE, Júlia Souza. Coord editorial. Jac Leirner. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2012.
- BATISTA, Ana Dias. Língua Morta. Tese de doutorado, USP, 2014.
- _____. Um programa. Dissertação de mestrado, USP, 2008.
- BISHOP, Claire. Qué es un curador? El ascenso (y caída?) del curador auteur. La Habana: Crítérios, 2011.
- BOIS, Yves-Alain. Pintura: A tarefa de luto. Revista Ars, 2006.
- FREITAS, Douglas de, Orgs. Carmela gross. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2017
- CHIARELLI, Tadeu. Leda Catunda. São Paulo: Cosac Naify, 1998.
- _____. Arte internacional brasileira. São Paulo: Lemos, 1999.
- CLARK, T. J. Modernismos. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- COHEN, Ana Paula. Orgs. Bolsa Pampulha 2010-2011. Belo Horizonte: Museu de Arte da Pampulha, 2011.
- COTRIM, Cecília; FERREIRA, Glória (orgs). Escritos de artistas. Editora Zahar, 2006.
- FERREIRA, Glória (org.) Crítica de Arte no Brasil: Temáticas Contemporâneas. Rio de Janeiro: Funarte, 2006.
- FILIPOVIC, Elena, edição. The artist as curator: an anthology. Milan: Mousse Publishing, 2017.
- FOSTER, Hal. Bad New Days: Art, emergency, criticism. Londres: Verso, 2005.
- FRIEDMAN, Tom. O too o three, Nova York: Feature Inc 2003
- GRAW, Isabelle. The Economy of Painting - Notes on the Vitality of a Success-Medium. Jewish Museum <https://www.youtube.com/watch?v=1JDthDEcmAs> acessado em 6/6/2017 às 10:30.
- _____. When Life Goes to Work: Andy Warhol. October magazine, 2010.
- KORCZYNSKI, Jacob. The Enduring Radicalism of 'Supports/Surfaces', In Frieze. <https://frieze.com/article/enduring-radicalism-supportsurfaces> acessado em 23/12/2019 às 10:17
- KRAUSS, Rosalind. Grids. New York: MIT Press. In: October, Vol. 9 (Summer, 1979), pp. 50-64
- _____. Caminhos da escultura moderna. São Paulo Martins Fontes 2007
- KUDIELKA, Robert. Arte do mundo ou arte de todo mundo? Do senti-

do e do sem –sentido da globalização em artes plásticas. São Paulo: CEBRAP. In: Novos estudos, 2003.

MADOFF, Steven Henry. Art School (propositions for the 21st century). Canadá: The MIT Press, 2009

MAMMI, L. . O que resta. arte e crítica de arte. 1. ed. são paulo: companhia das letras, 2012

NELSON, Adele. Jac Leirner conversa com Adele Nelson. Tradução: Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

OSÓRIO, Luiz Camilo, Orgs. Flipping: Revisitando Pop. Estética E Política Nas Américas 1967 –2017. São Paulo: MAM, 2017.

RUBINSTEIN, Raphael. Theory and matter. In ArtNews <https://www.artnews.com/art-in-america/features/theory-and-matter-63030/> acessado em 19/12/2019 às 9:00

SALZSTEIN, Sônia; Bandeira, João (orgs.) Historicidade Ensaios e Conversas. São Paulo: ICC: Centro Universitário Maria Antônia/USP: Centro de Pesquisa em Arte

SALZSTEIN, Sônia. Cultura pop: Astúcia e inocência. In Novos Estudos, CEBRAP no.76 São Paulo Nov. 2006.

SCHWARZ, Roberto. Um mestre na periferia do capitalismo/ Machado de Assis. São Paulo: Duas Cidades; 34 Letras, 2000.

às 14:57

SWEENEN, Walter. Hic Haec Hoc. Bruxelas: Xavier Hufkens, 2016.

THORNE, Sam. Signs of life. In Frieze Magazine 122, New York: Frieze publisher, 2009.

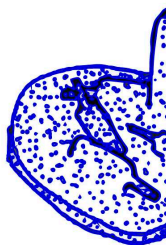
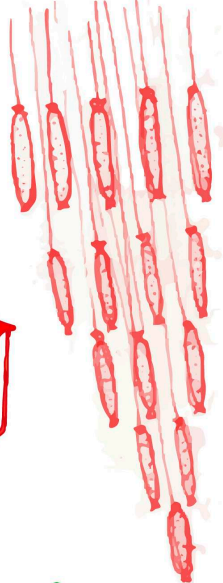
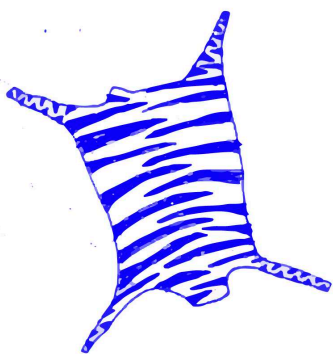
VELOSO, Caetano. Verdade Tropical. Cia das Letras, 1997.

VERVOERT, Jan. Why are conceptual artists painting again? Because they think it is a good idea. Afterall, 2005.



Drunk Friends

Garrafas, madeira, biscuit
20x50x40, 2019



NOVO DE NOVO

